

MEMÓRIAS DA ESCOLA

Rafael Penedo Ferreira¹

Minhas primeiras lembranças da escola remetem aos tempos em que mal sabia ler ou escrever, contudo já era muito semelhante à pessoa que sou hoje. São as memórias do tempo da pré-escola, período em que eu passava boa parte das horas no colégio me divertindo. Até alguns anos atrás, eu possuía um vídeo de minha primeira formatura, o qual mostrava o período em que passei da alfabetização para a primeira série do ensino fundamental. Neste vídeo, foram filmados momentos em que meus colegas de classe e eu estudávamos, comíamos no recreio, tomávamos banho de piscina ou até mesmo brincávamos nos computadores, que naquela época ainda nem possuíam cores, mas mesmo assim eram incríveis (o vídeo mostra um programa no qual apareciam certas quantidades de objetos na tela e o aluno deveria apertar o número correspondente à esta quantia). Atualmente não sei mais onde foi parar o tal vídeo, mas espero um dia encontrá-lo no meio das tralhas que ficam guardadas no fundo de casa.

Dentre tantas atividades, a que eu mais gostava de rever era a parte da sala de aula. Não sei por que, mas adorava me observar sentado ali, na primeira carteira da fila, às vezes concentrado, às vezes conversando com o colega de trás. Essa visão recorda-me também um fato triste acontecido naquela época: uma colega de classe acabou perdendo a vida com apenas 6 anos de idade, e o pior é que a doença que supostamente havia tirado-lhe a vida era a mesma que havia sido diagnosticada em mim, pouco tempo antes. Foi a primeira vez em que tive que lidar com a morte, porém, como não a conhecia muito bem, acho que não senti muito a perda.

Nos anos seguintes, da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, me recordo bastante dos JICOs (Jogos Internos do Colégio Objetivo),

¹ Graduando em Ciências Biológicas pela UFSC. E-mail: rafael_965@hotmail.com

campeonatos muito disputados e troféus muito cobiçados. Em tempos de JICO, o colégio parava, meus colegas e eu logo bolávamos escalações e táticas para o tão esperado torneio de futebol. Eu também adorava participar das outras modalidades (jogava basquete, vôlei, queimada, pingue-pongue, participava de corrida etc.), entretanto o que eu mais gostava mesmo era do futebol, que ainda hoje é uma paixão. É claro que também consigo me lembrar de alguns momentos em sala de aula, mas poucos deles sobre Biologia ou Ciências. Lembro-me de aulas de Educação Musical e de Estudos Sociais (que eu achava uma droga), e de Matemática e Inglês (que eu adorava). Confesso que gostava tanto do inglês que fiquei decepcionado quando não recebi uma nota máxima em uma prova porque havia errado um detalhe bobo. Durante a 4ª série, o colégio foi totalmente reformado e 'cresceu um andar'. O andar de cima era a novidade mais desejada pelos estudantes do primário, já que somente ao ingressar na 5ª série é que poderiam assistir às aulas no andar de cima e finalmente sair do térreo. Bom, quando penso nesse período, certamente me vejo subindo correndo pelas escadas escuras (já que estudava de tarde, portanto, as aulas acabavam às 18:30 e meus pais só me buscavam no colégio às 19:30) para fugir do inspetor que cuidava do pátio. Algumas destas fugas eram inclusive perigosas, pois costumávamos andar pelo lado de fora do colégio, na parte de concreto utilizada para apoiar os aparelhos de ar-condicionado de cada sala, que circundavam todo o andar superior.

No ensino fundamental de 5ª à 8ª série, ainda não existia a disciplina de Biologia, mas eu já me encantava com as Ciências. Da astronomia até os estados da matéria, era um prazer aprender tudo aquilo, e sempre tirava notas condizentes com este prazer. Mas durante a 5ª série, justamente na disciplina de Ciências, aconteceu o que chamamos de Primeira Guerra Mundial de Bolinha de Papel. O evento foi uma coisa boba, mas muito divertida. Tudo começou com a galera do fundão, que arremessava papéis no pessoal que estava na redondeza, sem que a professora percebesse. Este pessoal entrou na onda,

colocando mais papéis em cena. Neste momento, o inspetor chamou a professora para denunciar o Caio, que estava matando aula. A professora saiu e foi levar o aluno até a coordenação, juntamente com o inspetor. A partir daí eu só lembro que a guerra era generalizada, a sala inteira estava brincando, bolinhas de papel voavam em todas as direções, acertando aqueles mais desavisados. Ao retornar para a sala, a professora levou um susto! Gritou para que parássemos, mas viu que o êxito do seu grito não foi total, então saiu novamente para chamar a diretora que, ao entrar na sala, encontrou todos sentados com cara de anjinhos e os dois lixeiros abarrotados de bolas de papel. O resultado foi uma bronca geral e a proibição das bolas de papel naquela sala, levando por água abaixo os nossos planos de fazer a Segunda Guerra Mundial de Bolinha de Papel.

Foi neste mesmo ano que conheci a professora mais marcante na minha história escolar: a professora Maria das Graças, ou simplesmente Graça, como era mais conhecida. Era uma senhora de idade, baixinha, gordinha, que usava um par de óculos bem estilo fundo de garrafa, mas que tinha um espírito de moleca, brincalhona. Era também exigente, porém tinha crédito, pois entendia o Português como poucos o fazem. Sabia ensinar, tinha uma metodologia puxada (incluindo tarefas de casa todos os dias), mas que dava certo para a maioria dos que se esforçavam. Na 6ª série, justamente com esta mesma professora, foi quando eu cometi o erro mais bem organizado - porém mal executado - de minha vida escolar: ao pedir para fazermos um exercício de português, a professora Graça saiu para tomar um café e nós aproveitamos a oportunidade (nós sabíamos que a sala do café era distante e que ela demoraria um bom tempo para voltar) para vasculhar os papéis sobre sua mesa até encontrarmos o 'caderno do professor'. No início tudo ia bem, um colega lia em voz alta para a classe e outro colega ficava de vigia no vidro da porta da sala, sendo este o encarregado de avisar quando a professora estivesse voltando. Mas, como "nesta vida o mal feito é descoberto", o colega da vigília acabou vacilando na função e nós fomos

pegos com a mão na massa, ou melhor, no caderno de respostas... No fim, os 'cabeças' do plano (grupo em que eu estava incluso) acabaram levando uma advertência cada um e perderam o direito de ir ao passeio que seria realizado na semana seguinte.

Outras aventuras também deixaram marcas na memória, como os tempos em que, na hora do recreio, pulávamos o muro da escola (que tinha mais de 2 metros de altura) para comprar salgadinhos e 'tubaína' (refrigerante de guaraná) no barzinho da esquina. Na verdade esse ato de fugir da escola era mais uma atitude revolucionária do que uma travessura, pois nós achávamos que os preços dos salgados eram 'salgados' demais, enquanto que, no barzinho da esquina, comprávamos nosso lanche gastando bem menos. O lanche da escola até que era gostoso, mas acabou se tornando sinônimo de azar para a nossa turma de 7ª série, depois de um dia em que eu e mais um amigo pulamos o muro da escola e fomos comprar o 'lanche alternativo' pra galera. Todos haviam pedido alguma coisa, exceto o Igor, o infeliz do dia, que resolveu comprar o lanche da escola. Estávamos sentados nos bancos próximos ao ginásio, comendo nossos lanches, quando o Igor chegou, reparamos que ele não quis sentar, e permaneceu em pé, comendo seu misto com salsicha. De repente, veio o torpedo, direto em sua cabeça, indefensável, indesejável. A pombinha estava no teto do ginásio, a cerca de 20 metros de altura, mas ainda sim foi certa no tiro. Quando vimos aquela cena foi um estouro, ninguém conseguia parar de rir, teve gente que até se engasgou de tanto que dava gargalhada. Julgamos que a culpa foi do misto, uma vez que o Igor foi o único que não quis comprar o lanche alternativo.

A piscina também era outro local que nos atraía muito. Depois que foi concluída, nossos dias de calor nunca mais foram os mesmos. Quem nunca foi à Porto Velho nem imagina o sufoco que é aquela cidade, então acho que a gente tinha um desconto quando matava aula pra tomar um banho de piscina (escondidos, é claro).

A Biologia só me foi apresentada na 7ª série, recorro de ter estudado muito o corpo humano nesta disciplina. Neste período surgiram as primeiras paqueras e beijos com as colegas de classe (experiências em que se aprendem muito mais do que qualquer aula sobre o corpo humano) e logo apareceu a primeira namorada, aos quatorze anos de idade, aquela coisa de moleque mesmo, crianças tentando agir como adulto. Durou apenas três meses, mas valeu a experiência.

Foi no ensino médio que comecei a sentir o real peso das amizades, quando alguns amigos acabaram tendo que se mudar para outros estados. É, mas enquanto alguns saem da sua vida, outros chegam, e logo fiz vários amigos no primeiro ano. Isso até me atrapalhou um pouco, pois meus amigos não gostavam muito de estudar, estavam mais pro lado dos 'vagabundos'. Sentávamos lá no fundão da sala, eu e mais três amigos (dois deles faziam o primeiro ano pela segunda vez), e bagunçávamos bastante. A diferença é que eu bagunçava na hora certa, e sabia o momento de parar, conseguindo, assim, continuar tirando notas boas, coisa que não acontecia aos outros dois.

No Terceirão, acabei indo para outro colégio (após 14 anos no Objetivo), lá descobri um mundo novo, pois havia um número bem maior de alunos e um espaço bem menor para comportar toda aquela multidão. As aulas eram pela manhã e pela tarde, tinha uma professora de Biologia muito boa, porém com pouca aceitação pelos alunos, pois estes a achavam muito severa. Era um cenário novo, caras novas, ambiente totalmente diferente do que eu estava acostumado. Antes era tido como estudioso e, no colégio novo, quase ninguém me conhecia, mas os poucos que me conheciam já diziam que eu era um bom aluno. E mesmo que eles não dissessem nada, meu professor de Física (que era o mesmo dos tempos de Objetivo), tratou de me elogiar de montão, na minha vez me apresentar, no primeiro dia de aula: "O próximo eu já conheço, esse é o Rafael Penedo, já foi meu aluno, e esse é bom e humilde". Na hora fiquei vermelho, é claro, no entanto, depois, fiquei pensando comigo: bom e humilde. São duas características que me satisfazem bastante, primeiro

porque acho o termo 'bom' adequado para mim, pois considero sim, que sou bom, mas reconheço que poderia ser melhor em vários aspectos, então só 'bom' já está apropriado. Quanto ao 'humilde', não preciso falar muita coisa, sempre o fui e acho que sempre o serei, pois aprendi a ser assim ainda no berço e não creio que vá deixar de ser assim nunca.

Quando comecei a escrever esse texto, logo pensei que só conseguiria me lembrar dos acontecimentos mais recentes (de 2004 para cá), até porque estes eu tenho registrado com várias fotos no meu computador. Porém, a cada lembrança que eu tinha, me vinha outra na sequência e, de uma em uma, fui remontando a minha vida escolar passo a passo. Foi um ótimo exercício para a memória e também me permitiu filosofar um pouco sobre a vida.